

## OTTO STUPAKOFF

---

### *A pendular vida de Otto Stupakoff*

---

*O Estado de S. Paulo*, 12 de dezembro de 2006

Otto Stupakoff vive como uma bússola enlouquecida. Já dormiu nos melhores e mais luxuosos hotéis do mundo e também nos piores mafuás. Já jantou na casa de Yves Saint Laurent, mas também comeu o pão que o diabo amassou. Já fotografou grandes estrelas, como Katherine Ross, assim como anônimos vietnamitas massacrados nos anos 1960. Em síntese: a carreira pendular desse fotógrafo paulistano já o levou ao horror e à beleza em seu estado puro. Foi o primeiro profissional a fotografar uma modelo brasileira num tempo em que a palavra “moda” nem era balbuciada no Brasil. Por tudo isso, Otto Stupakoff está sendo homenageado com um livro que resume meio século de sua carreira de fotógrafo, lançado pela Editora Cosac Naify. É o segundo publicado este ano. Em março, ele lançou pela Editora HarperCollins & Reagan Books, de Nova York, *Rioerótico – a fotografia sensual de Otto Stupakoff*. Do assunto ele entende bem. Stupakoff, que aos 71 anos decidiu voltar ao Brasil, depois de quarenta anos rodando pelo mundo, registrou o ano zero da bossa nova, a transformação de um país arcaico, que cantava grosso, num país moderno e industrializado que se escandalizava com o biquíni e a voz suave de João Gilberto.



Truman Capote, 1970, Nova York, fotografia sobre papel, col. do artista

Por falar em biquíni, foi nessa época que ele conheceu Duda Cavalcanti, a pioneira garota de Ipanema, que andava pelas praias cariocas com uma dessas peças minúsculas presa como um cinto de caubói. É justamente Duda a personagem da primeira foto de moda do Brasil, feita no crepúsculo dos anos 1950. Ela aparece vestida por Denner na casa de Heitor dos Prazeres. Isso num tempo em que modelo era chamada de manequim e Alceu Penna desenhava figurinos para *O Cruzeiro*.

Toda essa história Otto conta na entrevista concedida ao organizador do livro, Rubens Fernandes Júnior. Além de revelar sua filiação estética, que deve muito a pintores como Balthus, o fotógrafo relembra sua amizade com outros grandes profissionais da área [entre eles Diane Arbus] e as broncas que levava da falecida editora de arte carioca Bea Feitler quando era diretora da *Harper's Bazaar*. Com Bea, Otto aprendeu uma lição fundamental: recusar um trabalho quando não sente nada em relação a ele.

Como dizem seus modelos, Otto tem um olhar que cativa, e isso talvez explique o retrato mais doce de Antonio Carlos Jobim, que o fotógrafo fez quando a bossa nova estava no berço, em 1957. Ou o despojamento de Jack Nicholson, flagrado em 1972 quando era apenas um ator que rodava filmes de baixo orçamento com seu amigo Bob Rafelson [naquele ano, ambos filmavam *The King of Marvin Gardens*

[O dia dos loucos]]. E o que dizer da foto de Truman Capote, com sua obsessão por pesos de papel, feita em 1970, em que o autor de *A sangue frio* amargava sua separação do parceiro Jack Dunphy? Só o sensível Otto Stupakoff para captar o olhar desiludido e o gesto inseguro de Capote ao segurar o peso de papel numa casa bem mobiliada e vazia.

O fotógrafo brasileiro passou grande parte de sua vida nos Estados Unidos, onde começou a estudar fotografia aos dezessete anos. Conheceu personalidades, foi amigo de muitas [Carmen Miranda, entre elas] e até ensinou o coreógrafo e cineasta Bob Fosse [*Cabaret*] a preparar uma caipirinha. E, apesar de ter trabalhado por cinco anos para a *Vogue* [edições francesa, inglesa, italiana e alemã], fez questão de enveredar por outros caminhos além da moda, arriscando o pescoço para fotografar. Foi o caso, por exemplo, da sua detenção e de seu filho Bico nas selvas de Battambang por soldados do Khmer Rouge, quando fotografava o genocídio no Camboja.

Stupakoff não corresponde exatamente ao estereótipo do fotojornalista, mas suas aventuras o levaram quatro vezes ao Ártico. No Polo Norte, aprendeu com um *inuíte* a caçar focas com arpão. Ao mesmo tempo fotografou personalidades em início de carreira [anos 1970], entre elas o dramaturgo inglês Tom Stoppard [*Shakespeare apaixonado*] e o compositor canadense Leonard Cohen [*Halleluyah*]. Vida pendular é isso.